



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**“A ARTE DE SER MULHER”: AS CONTRIBUIÇÕES DE CARMEN DA SILVA
PARA A IMPRENSA FEMININA**

FERNANDA NUNES RIBEIRO DE FARIAS

**CAMPINA GRANDE – PB
2011**

FERNANDA NUNES RIBEIRO DE FARIAS

**“A ARTE DE SER MULHER”: AS CONTRIBUIÇÕES DE CARMEN DA SILVA
PARA A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Departamento de
Comunicação Social da Universidade
Estadual da Paraíba – UEPB, como pré-
requisito para obtenção do título de
Bacharelado em Jornalismo, sob a
orientação da prof^a. Ma. Adriana Alves.

CAMPINA GRANDE – PB
2011

F224a Farias, Fernanda Nunes Ribeiro de.
"A arte de ser mulher": as contribuições de Carmen da Silva para imprensa feminina. [manuscrito] /Fernanda Nunes Ribeiro de Farias . – 2011.
33f.; il.Color.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2011.
"Orientação: Profa. Msc. Adriana Alves Rodrigues, Departamento de Comunicação Social".

1. Carmen da Silva. 2. Feminismo. 3. Revista Claudia.
I. Título.

21. ed. CDD 920.5

FERNANDA NUNES RIBEIRO DE FARIAS

“A ARTE DE SER MULHER”: AS CONTRIBUIÇÕES DE CARMEN DA SILVA
PARA A IMPRENSA FEMININA

Aprovada em 22/06/2011

Nota: 9.0

Adriana Alves Rodrigues
Prof^a Ms^a Adriana Alves Rodrigues / UEPB
Orientadora

Maria Albanisa S. Almeida
Prof. Ms^a Maria Albanisa de Silva Almeida
(UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA)

Patricia Maria Rios Ribeiro
Prof^a Ms^a Patricia Maria Rios Ribeiro
(UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA)

UEPB

DEDICATÓRIA

A todas as mulheres que apenas vivem, exprimindo somente uma condição vegetativa, dependendo das circunstâncias e pessoas, que ainda não são protagonistas de suas vidas, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pois tudo que acontece é pela permissão dele. Por ter me permitido a conclusão desse trabalho, ajudado, me dando força, sabedoria e entendimento.

À professora Fátima Luna, coordenadora do curso de Especialização, por seu empenho.

À professora Ms^a Adriana Alves Rodrigues pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Ao meu pai Fernando Robson Nunes de Farias, a minha mãe Socorro Ribeiro de Farias, pela ajuda, por acreditar e terem interesse em minhas escolhas, apoiando-me e esforçando-se junto a mim, para que eu suprisse todas elas.

À minha Avó Priscila Nunes de Farias pelo carinho, e por ter guardado por tanto tempo várias edições da revista *Claudia*, me possibilitando a descoberta da maravilhosa personagem que foi Carmen da Silva, ajudando indiscutivelmente na minha pesquisa.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial, Gilson Souto Maior, Gisele Sampaio, Adriana Alves Rodrigues, Goreti Sampaio e Adriano Luis Costa que contribuíram ao longo do curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, Toinha e Valério, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

Ajustar-se não é apenas aquele simples mecanismo de aceitar a face mais visível das coisas como se fosse a verdade última e absoluta, de lavar as mãos como Pilatos ante o que nos rodeia. Ajustamento é um processo árduo, estimulante e dinâmico, de harmonizar o que é com o que somos, com o que desejamos e o que podemos ser. Uma tarefa para toda vida e todos os momentos da vida, uma tarefa para quem está realmente vivo. (Carmen da Silva, Revista Claudia, junho de 1971)



“A ARTE DE SER MULHER”: AS CONTRIBUIÇÕES DE CARMEN DA SILVA PARA A IMPRENSA FEMININA.¹

Fernanda Nunes RIBEIRO²

Resumo:

Este artigo aborda a jornalista, escritora e psicóloga Carmen da Silva, que foi articulista, na revista *Claudia* entre as décadas de 60 e 80. Carmen inovou, na publicação do movimento feminista no Brasil. Movimento esse social, filosófico e político que tem como meta direitos equânimes entre homens e mulheres. Nesse sentido, apresenta aspectos históricos sobre a luta da mulher pela independência, tendo a revista *Claudia* e os artigos de Carmen na seção “A Arte de Ser Mulher” como parâmetro norteador. Foi analisada a vida e obra da escritora e jornalista buscando analisar as contribuições da mesma, a partir das evidências textuais encontradas em suas publicações, que são documentos importantes para a representação histórica do papel da mulher na sociedade.

Palavras - chave: Carmen da Silva . Feminismo . Comunicação . Revista CLAUDIA.

¹ Trabalho apresentado ao Curso de Comunicação Social – Hab. Jornalismo do Departamento de Comunicação Social –DECOM, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito parcial para obtenção do título de bacharel em jornalismo, sob orientação da Profa. Ma. Adriana A. Rodrigues.

² Concluinte do curso de Comunicação Social – Hab. Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.
Email: fernandanunesribeiro@hotmail.com

1.Introdução

Revista é uma publicação periódica de cunho informativo,jornalístico ou de entretenimento.Embora geralmente voltada para o público em geral,algumas publicações são segmentadas,permitindo assim a escolha do leitor pelo assunto de interesse. Há dois tipos de revista: as revistas de consumo, destinadas ao público e que são vendidas em bancas ou por assinaturas, e as especializadas, que em sua maioria são gratuitas e tratam de temas específicos.

Segundo Scalzo (2008,p 12) “a revista é um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, da sensação de pertencer a um determinado grupo”. A escolha pela revista se dá por inúmeros fatores, porém o que mais se destaca é a maneira como se aborda o tema, com profundidade. Os consumidores estão mais preocupados com a informação mais contextualizadas, suscetíveis à interpretações do que propriamente o ineditismo. E é isso que a revista oferece, elas trazem análise, reflexão, concentração e experiência de leitura.

A segmentação das revistas só foi possível por um processo que determinou quais os públicos existentes e seus interesses: a pesquisa de mercado. Foi e é através dessa pesquisa que as revistas entendem que há hábitos, costumes, formações, culturas e pensamentos diferenciados que geram pessoas diferentes e com desejos e expectativas também diferenciados. Toda essa preocupação em atender as necessidades de públicos diferentes fez com que o leitor se sentisse cada vez mais interessado, e a revista especial.

Ainda segundo Scalzo (2008), as revistas vieram para ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores. Dessa forma, e tendo a proximidade com o leitor, o universo feminino se faz presente e desperta curiosidade para observar como o mundo acontece em sua volta. É como se estivéssemos com um binóculo ou como se as revistas femininas fossem um consultório que tenta esmiuçar os

sentimentos, os desejos das mulheres contemporâneas que lança um desafio de mesclar as concepções mais tradicionais e as mais avançadas num só espaço.

Assim, é possível perceber que neste tipo de publicação segmentada, como a imagem da mulher é representada em relação ao desenvolvimento profissional, amoroso, familiar, e questões vinculadas ao amor, sexualidade, estética e boa forma, tendo como pano de fundo momentos também de muitas transformações sociais na qual a mulher da década de 1960 – mais especificamente – enfrentou, os tabus, a repressão e muitas vezes o preconceito impostos por uma sociedade em efervescência, tendo em vista o posicionamento de inferioridade na sociedade. Neste contexto, as revistas mantinham uma identificação com as leitoras, um vínculo forte, onde já se estabelecia o contrato de leitura (VERÓN, 2004).

Neste trabalho analisa-se como os artigos e os temas tratados pela escritora, jornalista e psicóloga Carmen da Silva, considerada como precursora do feminismo no Brasil, contribuíram para conduzir o debate social sobre o papel da mulher na sociedade, debatendo temas considerados “tabus” como emancipação da mulher na sociedade, liberdade sexual, a profissionalização da mulher, na sua seção “A arte de ser mulher”. Deste modo, considera-se a autora com uma visão vanguardista por tentar trazer à baila temáticas sobre a evolução da mulher, bem como a construção da imagem da “mulher moderna” utilizando a imprensa como mediação desses novos ideais que emergiam.

2 . Breve histórico das revistas femininas

A revista feminina nasceu e cresceu na Europa. A primeira publicação voltada para as mulheres foi em 1554, intitulada de *Il libro della bella Donna*, de F. Luigi, e circulava em Veneza. A primeira publicação com circulação regular voltada para o público feminino surgiu em 1663, se chamava *Ladies Mercury*. Segundo Scalzo (2004), a imprensa feminina surgiu na Europa no século XVIII, chegando ao Brasil em 1827. É interessante observar que naquela época a revista já possuía um caráter conselheiro.

Segundo BUITONI (2004) a primeira revista feminina editada no Brasil foi Espelho Diamantino, publicada a partir de 1827, veículo que surgiu, conforme relata

Scalzo (2003, p. 28), para “deixar a mulher à altura da civilização e de seus progressos”. O Espelho Diamantino trazia temas como literatura, artes, teatro, política, moda, crônicas e anedotas, todos escritos de forma simples e didática para servir ao gosto das senhoras brasileiras. Em seguida, vieram O Espelho das Brasileiras (1838/Recife), Jornal de Variedade (1935), Relator de Novelas (1838), Correio das Modas (1939), Espelho das Bellas (1941) e A Marmota (1949).

Geralmente pensadas, escritas e editadas por homens, as revistas femininas fazem parte do cenário editorial brasileiro desde que este tipo de periódico ancorou por aqui. Inicialmente traziam as novidades da moda na Europa, dicas e conselhos de culinária, pequenas notícias, um pouco de humor (anedotas) e muita ilustração. Na década de 1950, o público feminino foi argüido com as revistas de fotonovelas, que além de histórias românticas fotografadas nada mais traziam em termos de conteúdo jornalístico para oferecer ao seu público leitor. Não havia, por parte destas publicações, qualquer preocupação em pensar, discutir ou apontar questões relativas à sociedade da época que começava a dar ares de mudanças. (BAPTISTA 2007).

Na segunda metade do século XIX, a imprensa feminina aumentou seu alcance em função do crescimento industrial. Nessa época, surgiram moldes de roupas de papel, encartados nos periódicos, aumentando expressivamente a venda. Desde então as mulheres eram quem comandavam o lar, elas eram encarregadas de fazer compras e administrar o orçamento doméstico. Foi nesse momento que a publicidade começou a direcionar sua atenção às donas de casa.

A Editora Abril esteve presente nas principais transformações da sociedade brasileira. Fundada em 1950 por Vitor Civita a Editora Abril, hoje é um dos maiores conglomerados de comunicação da América Latina. A Abril também acompanhou a mulher brasileira nas últimas cinco décadas com o lançamento da Capricho (1952), Manequim, a primeira revista de modas do Brasil e *Claudia* (1961), focalizando inicialmente a dona de casa e posteriormente abordando temas considerados na época tabus.

Na década de 50, surgem as revistas de fotonovelas que atingem em cheio o público feminino. Recheadas de histórias românticas, elas também não estão preocupadas em mudar nenhum modelo de sociedade. Mas a mulher começa a partir daí ser identificada como mercado consumidor, público privilegiado de revistas, e logo as publicações

começam a se diversificar. Em 1959, nasce a primeira revista de moda, Manequim do Grupo Abril que trazia encartados, e até hoje traz, moldes de roupas para fazer em casa.

Além do contexto histórico, a própria vivência mostra como as revistas se tornaram importantes, principalmente para as mulheres, que dispunham de pouco tempo para a leitura, quesito indispensável para educação dos filhos na época. Joke Hermes, apud Mira (2001), através de entrevista a cerca de 80 leitoras de diversos tipos de publicações femininas, descobre motivos que justificam, para a maioria das mulheres, a opção pela revista:

Muitas declaram gostar de lê-las porque, no seu dia-a-dia, especialmente na fase que os filhos são pequenos, não dispõem de tempo concentração para ler um livro. A revista pode ser facilmente posta de lado quando, uma criança, o marido ou os afazeres domésticos as solicitam. E pode ser facilmente retomada quando, entre uma tarefa e outra, dispõe-se de um tempinho. Nesse momento, ela representa a possibilidade de relaxar, descansar o corpo e a mente, porque seus assuntos logo transportam para um outro mundo. Além do devaneio, as revistas são consideradas úteis por trazerem conhecimento prático, como receitas e outras dicas para o lar. (Jokes Hermes, apud MIRA 2001, p.45)

As revistas femininas representam um meio discursivo que exerce forte influência na vida da mulher. Segundo Morais, (2003, p.3) “Ao mesmo tempo em que elas retratam o papel que a mulher desempenha na sociedade, as revistas ajudam a moldar esse papel, transmitindo ideologias e contribuindo para a manutenção de certas relações hegemônicas, reafirmando antigos costumes.” A revista *Claudia* é um exemplo dessa influência discursiva. A partir do modelo proposto, a revista constituiu-se em uma nova proposta de discurso do que até então era produzido para as mulheres.

Atualmente, a gama de revistas destinadas a mulher é extensa. Dentre os principais títulos pode-se destacar: *Claudia*, *Elle*, *Boa Forma*, *Viva Mais!*, *Minha novela*, *Capricho*, *Manequim*, *Tititi*, *Contigo*, *Ana Maria*, *Atrevida*, *Chiques & Famosos*, *Corpo a Corpo*, *Dieta já*, *Marie Claire*, *Nova*, *Agulha de Ouro*, *Criativa*, *Uma*, *Estilo*, etc. Porém dentre todas essas revistas, uma se destacou por acompanhar de perto as mulheres e suas conquistas ao longo das décadas: *Claudia*. Ela foi uma das poucas revistas femininas que se preocupou em renovar seus valores para acompanhar a mulher, sem mudar radicalmente seu perfil editorial. Hoje, líder no mercado das revistas femininas, *Claudia* aborda assuntos como sexo, moda relacionamento e saúde, diferentemente de como eram abordados na década de 60. Seu estilo “Independente sem

deixar de ser mulher” conquistou grande parte das mulheres por se identificarem com o jeito feminino e independente de ser hoje em dia.

4.Revista Claudia

Claudia foi a revista que o grupo Abril lançou com nome que Civita, fundador da editora e sua esposa Sylvana queriam colocar em uma filha(Mira 2001,p.43). Lançada em outubro de 1961, partiu-se de modelos europeus e norte-americanos, mais precisamente da revista *Cosmopolitan*. *Claudia* surgiu com a mesma fórmula tradicional das outras revistas, com matérias inicialmente envolvendo artigos sobre moda, receitas, idéias para decoração e conselhos de beleza além de falar sobre a relação, marido e filhos.

Segundo Fonteles (2005 p.17), “o lançamento da revista *Claudia* é apontada ao lado do Novo Estatuto da Mulher Casada ,como um dos indicadores da modernização dos costumes em relação às representações do sexo feminino e aos papéis atribuídos às mulheres na década de 60 no Brasil”. A publicação foi a primeira realizada dentro da concepção diferenciada do que se escrevia para mulheres até aquele momento.

Surgida em uma conjuntura favorável a sua aceitação no mercado, *Claudia* se insere no contexto do movimento de contracultura, no qual foram questionados valores até então vigentes na sociedade, focada principalmente nas transformações da consciência, dos valores e do comportamento.

A Revista surge dentro de um outro contexto, em um período no qual o país estava em franca urbanização e industrialização. A expansão do capitalismo, consolidada no governo Juscelino Kubitschek, permitiam novas atividades produtivas, inclusive a imprensa. Consciente das possibilidades mercadológicas desse momento o Grupo Abril tinha como alvo a nova consumidora dessa sociedade. O consumo desses produtos correspondia ao ideal da “vida moderna” á disposição da classe média. Segundo Fonteles (2005), a conquista desta fatia do mercado norteou a produção da revista antes de sua chegada as bancas, servindo como atrativo para o iniciante mercado publicitário. Esta presente,no editorial do projeto de *Claudia*,enviado aos anunciantes pouco tempo antes de seu lançamento:

Por que Claudia? O Brasil esta mudando rapidamente. A explosiva evolução da classe média, torna necessária uma revista para orientar, informar e apoiar o crescente número de donas de casa que querem(e devem) adaptar-se ao ritmo da vida moderna. Claudia será dirigida a essas mulheres e dedicada a

encontrar soluções para seus novos problemas. Claudia não esquecerá, porém, que a mulher tem mais interesse em polidores do que em política, mais em cozinha do que em contrabando, mais em seu próprio mundo do que em outros planetas... Claudia, enfim, entenderá que o eixo do universo da mulher é o seu lar (Nehring apud FONTELES, 2005, p.19.)

Na primeira década de 60 do lançamento da Revista *Claudia*, a moral sexual dos anos anteriores prevalecia. Não era hábito criticar ou questionar idéias que se chocassem com o que era preconizado pela família, Igreja e pela Lei. (FONTELES, 2005, p.21.)

Em geral, as matérias e artigos publicados em *Claudia* reafirmavam os papéis tradicionais destinados às mulheres, enfatizando a responsabilidade destas com seus lares, filhos e maridos, apesar de número crescente de mulheres trabalharem fora. Ainda na década de 60, apesar de ser abordado a questão da pílula anticoncepcional, o enfoque ainda não era o bem estar da mulher, como um ser que possui direito de escolha sobre o próprio corpo, mas voltado para a preocupação com o controle da natalidade e planejamento familiar. (FONTELES, 2005, p.21)

Somente a partir da década de 70 com o surgimento de revistas como *Nova* (1973) e *Carícia* (1975), que falavam sobre sexo, abriu-se as portas para falar sobre o assunto. Mesmo tratando do assunto de maneira limitada, o interesse das leitoras com relação ao tema crescia, e demandava da revista abordagens sobre a questão. Não se pode dizer, no entanto, que *Claudia* estava a frente da sua época, mas que o contexto histórico no qual estava inserida permitia que ela abordasse alguns tópicos. Alguns avanços foram notórios com relação a outros temas:

Os pequenos avanços de *Claudia* também podiam ser percebidos nas matérias voltadas para educação dos filhos e relacionamentos entre adultos e jovens. Diferenciando-se das publicações de até duas décadas atrás, que aconselhavam o controle irrestrito e a severidade como instrumentos disciplinares na educação, *Claudia* incorporou novos conceitos pedagógicos como diálogo, a fim de resolver os impasses. (FONTELES, 2005, P.28)

A Revista incorporava mudanças refletidas pela maior participação da mulher no mercado de trabalho. Ter uma atividade extra-lar já era possível e até mesmo aconselhável, desde que a mulher não descuidasse de sua casa, filhos e marido. O homem ainda era o provedor e chefe de família. Não era desejável para *Claudia* adquirir o rótulo de “feminista”, o que a tornaria antipática diante de uma sociedade conservadora como a brasileira, á época, e afastaria os anunciantes almejados. A década

de 70 avivou, um pouco mais, os debates em *Claudia*, principalmente por conta das discussões trazidas pelo movimento feminista. (FONTELES,2005)

4. O papel da mulher na imprensa feminina

Não há como tratar de uma revista feminina sem fazer a associação com o Feminismo, um movimento social, filosófico e político que tem como meta direitos equânimes e uma vivência humana liberta de padrões opressores baseados em normas de gênero. Envolve diversos movimentos, teorias e filosofias advogando pela igualdade para homens e mulheres e a campanha pelos direitos das mulheres e seus interesses. A imprensa feminina no Brasil teve um papel bastante significativo no sentido de orientar a mulheres primeiros movimentos feministas.

Céli Regina J. Pinto (2003), considera que da virada do século até 1932, quando da conquista do voto feminino no Brasil, o feminismo era “bem-comportado”, pois não se propunha a mexer com a posição do homem na sociedade, as mulheres só queriam ser incluídas como cidadãs, sem alterar as relações de gênero.

Já Guacira L. Louro (1999) caracteriza especialmente a primeira e segunda *onda* do feminismo. A “primeira onda” inicia-se na virada do século XIX para o XX, com as manifestações para estender o direito de votar às mulheres– o chamado “movimento sufragista”. A “segunda onda” inicia-se no final da década de 1960, quando o feminismo foi se construindo teoricamente e seu desdobramento resultou também no aparecimento da categoria de análise: gênero.

Outro fator que influenciou e intensificou as discussões em torno do feminismo, partiu do contexto social da contracultura. Contracultura foi um movimento que teve seu auge na década de 60. Como o próprio nome diz, o movimento teve um estilo de mobilização e contestação social aos valores até então vigentes na sociedade naquela época. Com o crescimento dos meios de comunicação, a difusão de normas, valores, gostos e padrões de comportamento se libertavam das amarras tradicionais e locais, como a religiosa e a familiar, ganhando uma dimensão mais universal e aproximando a juventude de todo o mundo, de uma maior integração cultural e humana.

A ONU Organização das Nações Unidas definiu o ano de 1975 como o ano Internacional da Mulher e como o início da década da mulher. Ano também no qual teria ocorrido um evento, considerado “fundador” do feminismo no Brasil : a reunião sob o patrocínio da ONU, na Associação Brasileira de Imprensa-ABI, no Rio de

Janeiro, em julho de 1975, da qual teria resultado a constituição do Centro da Mulher Brasileira. Porém cabe lembrar que antes disso já existiam pessoas, que desde os anos sessenta, estavam divulgando idéias, discutindo, reunindo grupos de reflexão e assumindo comportamentos que transgrediam os papéis sexuais normativos da época. (FONTELES 2005,p.11)

Uma das feministas que mais acentuou o movimento foi Betty Friedan, uma importante ativista feminista estado-unidense. Seu livro intitulado *A Mística Feminina* (*The Feminine Mystique*, 1963) criticava a idéia de que as mulheres poderiam encontrar satisfação apenas através da criação dos filhos e das atividades do lar. Suas idéias através de seus livros atravessaram e influenciaram o mundo todo.

5. A arte de ser mulher: as contribuições de Carmen da Silva

O ano em que a revista *Claudia* foi lançada (1961) coincide com o início do movimento feminista no Brasil. Mas foi a jornalista e psicóloga Carmen da Silva, colunista de *Claudia* a partir de 1963, quem começou de fato a mudar o jornalismo feminino. Sua coluna “A Arte de Ser Mulher”, quebrou tabus e aproximou-se de forma inédita das mulheres, tratando temas até então intocáveis, como a solidão, o machismo, o trabalho feminino, a alienação das mulheres, seus problemas sexuais, dentre outros. Carmen sempre soube o que queria, mesmo em meio a um contexto em que a mulher já enfrentava dificuldades (muito mais que hoje). Ela buscou os seus interesses, lutou pelos seus ideais sempre com inteligência e determinação:

Ser mulher nunca foi fácil pra ninguém em nenhum lugar. Ser mulher numa cidade pequena nas décadas de 30 e 40 era mais do que difícil, era dramático: havia que escolher entre a fuga, o martírio e o heroísmo. Confesso que escolhi a fuga. Meu próprio ponto de saturação chegou ao início de 1944... Plaguei seu bilhete de despedida: Cheira a cebola, não posso mais. Enfim: aproximadamente. E me mandei. (SILVA, 1984, p.11)

Sua autobiografia *Histórias híbridas de uma senhora de respeito* (1984) Carmen relata sua história de vida, através de sua obra torna-se visível o quanto as mulheres já eram discriminadas naquela época. E Carmen não era exceção, ao escrever o livro teve o propósito de mostrar as mulheres, que também sofreu na pele a dificuldade de assim ser, mesmo quando se tornou independente:

Não tardei em perceber que mulher não tem mesmo vez :cresce um pouquinho,começa a pensar que é gente,dona de si- e lá vem o macho invadindo seu espaço com patas de elefante para achatar suas pretensões e colocá-la em seu modesto lugar de mera fêmea.De que me adiantava a nova liberdade de sair com quem quisesse,voltar a hora que bem entendesse,enfiar a chave na porta do apartamento que eu pagava com meu trabalho,se meu acompanhante de algum modo conseguia neutralizar essas conquistas reduzindo-a a uma ignóbil condição de coisa mediante uma cantada imbecil (SILVA,1984, p.33).

Mesmo conquistando sua independência, Carmen pôde constatar que não importava o quanto lutasse pelo reconhecimento de sua dignidade. Para ela, como mulher sempre seria discriminada, a princípio. Mas ela não desistiu de lutar pelos direitos, seus e de outras mulheres. Após ter passado quase vinte anos morando no Uruguai, ela volta ao Brasil em 1962. Com o intuito de modificar o comportamento da mulher de classe média, tenta se aproximar da Editora Abril, ambicionando fazer parte da revista *Claudia*.

Em 1963 Carmen envia uma carta se apresentando á chefia da redação de *Claudia*, manifestando o desejo de escrever, mais especificamente sobre a condição da mulher na sociedade. Até então era escassa a presença de mulheres trabalhando em jornais e revistas, por conta da discriminação por parte dos donos de algumas empresas. (FONTELES, 2005. Pag.36). Toda experiência de Carmen, de ter viajado por outros países, e ter publicado artigos, contos e até mesmo o romance *Sangue sem dono*, lançado em 1964, contribuíram para aproximação de Carmen a revista. O redator-chefe, na época, era Thomaz Souto Corrêa, que descreveu o encontro em texto publicado em *Claudia*:

(...) a conversa com Luís e comigo que começou num fim de tarde e se estendeu pela noite, regada a vinho tinto que ela tanto amava, revelou uma personalidade rara de mulher, escritora e jornalista, psicóloga de formação psicanalítica, afinada profundamente com os problemas da mulher brasileira; com brilho na inteligência e no texto, preocupada em se fazer entender pela leitora, contundente na idéia, precisa nas palavras (*Claudia*, dezembro de 1979, apud MIRA, 2005)

A revista já vinha procurando um nome feminino que pudesse ocupar um espaço na própria. E Carmen representava a modernização da imprensa, que não conseguia mais dar conta de temáticas relativas a comportamento, sendo fadada a conformidade. Antes de Carmen da Silva assumir a seção “A Arte de Ser mulher”,os textos eram publicados, segundo Fonteles (2005), por uma articulista desconhecida, que chamava-se Dona Letícia, sobre quem a revista não fornecia referências, talvez porque os textos fossem feitos por redatores homens. *Claudia* tratava de assuntos tradicionais que

giravam em torno da manutenção de valores já concebidos, como por exemplo, a manutenção do casamento a qualquer custo, que privilegiavam os homens e colocava a mulher a margem da sociedade.

O objetivo da seção “A Arte de Ser Mulher”, segundo Carmen era o de mostrar as leitoras, uma “visão nítida, muitas vezes cruel de si mesmas”. Carmen trazia uma nova proposta, incentivando a independência feminina. Ao invés de fornecer receitas prontas de felicidade, levava as leitoras a um questionamento sobre o papel delas na sociedade, as quais chegavam a conclusão de seus problemas por si mesmas. Carmen provocava esse questionamento na mulher de forma sutil, aprofundando questões e ao mesmo tempo sendo clara e objetiva. A formação psicanalítica de Carmen foi algo muito importante, que a ajudou no relacionamento com suas leitoras.

Carmen sempre soube o que queria: desvendar o mundo, conhecer a condição da mulher em vários lugares do mundo, e assim o fez. Porém seu maior desejo não era de atender um determinado número de mulheres em um consultório, como psicóloga, o que permitiria que um número limitado de mulheres tivesse acesso aos seus conselhos. Ela queria falar para o maior número de mulheres possível, e escrever para uma revista, seria a concretização desse desejo. Apesar de sua formação em psicanálise e jornalismo ajudarem bastante, Carmen confessa o quanto foi difícil iniciar sua carreira na revista Claudia:

Iniciei esta seção com certa angústia, era minha primeira tentativa de contato com uma sociedade abstrata chamada “público feminino”. Mais especificamente, “público feminino da classe média brasileira do início da década de 60”. Um longo rótulo que, entretanto, não definia o rosto do fantasma - e eu imaginava ora desafiante, talvez até hostil, ora cético e desdenhoso, ora simplesmente ignorando-me com olímpica indiferença. (Claudia, dezembro de 1979, apud FONTELES, 2005, p.111.)

Porém adaptar-se a revista foi só uma questão de tempo. A imagem que Carmen tinha do que poderia ser seu relacionamento com o público feminino, concretizou-se em realidade. A partir de então Carmen se proporia a ajudar as mulheres, que se questionavam cada vez mais:

Alguns meses e alguns artigos mais tarde já não era assim. Ao sentar-me ante a máquina eu sentia como que presenças vivas em torno, ouvia respirações, adivinhava vozes, vislumbrava traços. Escrevia para mulheres reais, de carne e osso, que desabafavam suas aflições comigo, confiavam-me dúvidas e perplexidades, pediam ajuda, ora apoiavam e incentivavam, ora protestavam e brigavam - mas cada vez mais próximas, personalizando o vínculo, mandando retratos, chamando-me para encontros ao vivo, palestras, reuniões, debates. Não mais abstrações: gente, gente comigo, centenas de milhares de

rostos debruçando-se dia-a-dia, em estímulo e desafio, sobre minha mesa de trabalho. O que seria do mundo sem nós, mulheres? (Claudia, dezembro de 1979, apud FONTELES 2005, p.111)

Acostumadas a viver na mesmice, acomodadas com a situação na qual viviam seria difícil para as mulheres assumir independência. A função de Carmen na revista lhe permitia escrever para milhares de mulheres, expressando sua opinião, despertando a mulher brasileira para outra realidade, além daquela a qual conheciam. Carmen enfrentou dificuldades, como a resistência das leitoras. Muitas delas tinham o mesmo pensamento sobre seu papel na sociedade: de ser mãe, esposa e dona de casa. Foram criadas desde pequenas para isso, por isso o consideravam como correto. Ao ler Carmen da Silva elas se assustavam, pois em seus artigos Carmen propunha uma nova forma de pensar as mulheres. Ela também foi discreta o tempo todo em seus artigos, e por isso se manteve durante 22 anos ininterruptos em *Claudia*.

5.1 As fases de Carmen

O trabalho de Carmen pode ser dividido em quatro fases. Essa divisão foi feita pela própria escritora, de acordo com as temáticas abordadas nos artigos e objetivos que queria alcançar em cada uma das etapas. O que não quer dizer que Carmen abordaria determinado tema somente uma vez, já que ela retomava se fosse necessário sua abordagem, mas por questão didática. A primeira fase foi iniciada em 1963 e foi chamada por Carmen de “fase do despertador, ou fase de Lazaro”. Essa fase foi essencialmente para chamar a atenção das mulheres para elas próprias, como seres com sonhos e desejos que iam além de cuidar do lar e da família:

(...) A idéia dominante era: ”Acorda Bela Adormecida, levanta-te e anda”. Tratava-se de sacudir as mulheres que ainda viviam mergulhadas numa espécie de sonho vegetal: deitavam raízes, estendiam ramos, frutificavam, obedeciam a natureza mas sem imprimir-lhe a marca que é privilégio humano: a consciência de si, o pensamento crítico. Elas se definiam a partir de suas funções corporais e suas relações familiares: eram filhas, esposas, mães, apêndice, costela, cara-metade, ventre reprodutor – e fora disso, a nebulosa, o limbo. (Revista Claudia, dezembro de 1979 apud FONTELES, 2005, P.113.)

O primeiro artigo escrito por Carmen, “A protagonista” (setembro de 1963) atraiu a mulher que se definia a partir de suas relações, a viver sua própria vida. Tinha o desejo

de mostrar a suas leitoras, que a felicidade que tanto almejavam estava próxima, e não “lá”, como Carmen definia, a impossibilidade de conquistá-la:

Falei em protagonizar e não em viver sua vida....Por que a distinção entre os dois verbos? Porque viver exprime apenas uma condição vegetativa: também vivem os átomos, as plantas os animais. O ser humano exige mais do que isso para ter sensação de plenitude: quer participar ativamente do processo, dirigir seu destino. Daí a frustração que advém aos que, por um motivo ou outro, limitam-se a ser vividos pela vida, como barquinhos flutuando a deriva. (SILVA, Carmen da, 1966, p. 5.)

Neste sentido, o intuito era mostrar às mulheres que era possível ser feliz sem que essa felicidade dependesse necessariamente em apoiar-se em alguém ou alguma coisa. Era a possibilidade de auto-realização que Carmen (1966) chamava atenção como o único meio da verdadeira realização pessoal, porque “algumas se refugiam na própria fraqueza e, como arbustos frágeis, tratam de se amparar em alguém, em alguma coisa. O marido, o lar, os filhos, o trabalho, a vida social”. (SILVA, Carmen da, 1966, p. 4.)

A segunda fase iniciou-se aproximadamente na segunda metade da década de 60. Carmen a determinou como a “fase absolutamente institucional”. Neste momento, a escritora responderia as inquietações manifestadas pelas leitoras, que agora haviam tomado consciência de si.

Foi aí que eu resolvi meter minha colher torta nas relações familiares. Procurei vias de entendimento, caminhos possíveis de conciliação, pontos onde a concessão era necessária e pontos onde a dignidade não permitia concessão nenhuma (Revista Claudia, dezembro de 1979 apud FONETELES, 2005, Pag.123.)

Os temas tratados nesse período se concentraram em dois eixos básicos: a crise no casamento e os conflitos dentro da família. Porém a temática que ganhou mais ênfase foi com relação à infidelidade conjugal. Um dos maiores descontentamentos da mulher no que se referia ao casamento, dizia respeito a dupla moral sexual dos homens. Aceito até então como algo natural pela sociedade a infidelidade dos homens, seria questionada por Carmen como algo sério. Esse questionamento Carmen responsabilizava a mulher pela manutenção desse tipo de comportamento pelos homens, pois além de não questionarem o comportamento masculino, reproduziam os preconceitos na educação dos filhos. A partir desse trabalho de conscientização era que a mulher poderia engajar-se na superação da situação.

Na terceira fase, Carmen defendeu mais explicitamente o feminismo. A partir de então Carmen assumiria sua posição feminista. Tratando de novos temas, e até temas já

abordados, porém agora com mais ênfase. As leitoras de Carmen já haviam tomado consciência de si mesmas. Já conheciam também, com direito de causa, seus direitos. Agora chegava o momento de lutar por estes.

Esta seção assumiu uma tônica resmungona, entendendo-se por “resmungo” a denúncia fundada e sistemática das disparidades, injustiças e discriminações, a exploração da mulher, a asfixia de sua personalidade, a manipulação de sua afetividade, a opressão grosseira ou dissimulada sobre ela, à tenaz lavagem cerebral tendente a fixar a idéia da inferioridade natural do sexo feminino.” (O que seria do mundo sem nós mulheres? Claudia, dezembro de 1979 apud FONTELES, 2005, Pag. 139)

Nessa fase Carmen começa a discutir a partir de uma perspectiva de crítica política ao sexismo e a dominação masculina, na tentativa de desnaturalizar as diferenças de gênero. As mulheres ainda eram discriminadas pelas leis, pelos homens. Muitas delas eram proibidas de trabalhar pelos maridos e quando trabalhavam eram pior remuneradas e discriminadas quando grávidas. Carmen queria mostrar a essas mulheres a condição de escravidão a qual eram submetidas. Ela sugeriu condições equitativas no mercado de trabalho e a divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres.

A quarta e última fase do trabalho de Carmen segundo Fonteles (2005) se iniciou, no ano de 1979. Essa fase foi marcada pela autocrítica em relação a alguns pressupostos do movimento feminista internacional e pela ligação da jornalista ao movimento de valorização da diferença. Nesse momento, Carmen substitui o discurso da luta de classes pela defesa de uma cultura feminina. O movimento de valorização da diferença reconhecia a ambigüidade gerada no comportamento das mulheres pela adaptação às regras e critérios masculinos, no mercado de trabalho, na política, no campo educacional entre outros.

6.Feminista sim,e daí?

A partir dos anos 70, quando as coisas se tornaram claras em relação á luta das mulheres, as questões antes pouco discutidas, se tornam mais explícitas. Nesse contexto o ingresso da mulher no mercado de trabalho é acentuado. E alguns dos motivos que levaram a maior participação das mulheres nesse mercado foram: a necessidade econômica, a elevação no mercado de consumo, abertura de novos empregos, a queda

da fecundidade e expansão da escolaridade, com o ingresso da mulher nas universidades e é claro, do movimento feminista, mesmo assim, soube ser parcimoniosa em suas posições e lutas. Foi Betty Friedan³ que influenciaria Carmen em sua nova fase de escrita. Em sua autobiografia intitulada *Histórias Híbridas de uma Senhora de Respeito*, Carmen justifica seu pensamento dominante.

Escolhi o feminismo como forma específica de luta porque é o terreno onde piso com mais segurança, maior conhecimento de causa: branca, alfabetizada, originária da burguesia média - no tempo em que isso ainda existia no Brasil - a opressão sexista é a que mais intensa e diretamente senti na própria carne. Meus calos mais vulneráveis eram os de mulher. (SILVA, Carmen da, 1984, p.189)

Dois meses depois da visita de Betty ao Brasil (julho de 1971) Carmen publicou a resenha da obra *Mística Feminina*⁴ de Friedan, traduziu para suas leitoras as principais bandeiras da Organização Nacional de Mulheres (NOW),⁵ recém-fundada nos Estados Unidos, por Friedan.

Apesar da tentativa do movimento ser desqualificado através da mídia, tanto nos EUA como no Brasil, Carmen lutou para que o movimento ganhasse reconhecimento. Ela publicou a resenha na coluna “A Arte de Ser Mulher” com o objetivo de divulgar os pontos de vista de Friedan, distorcidos pela mídia brasileira.

Um das maiores preocupações de Carmen na terceira fase de seu trabalho seria segundo FONTELES (2005) desnaturalizar as “diferenças de gênero” termo usado por ela, para indicar as disparidades sofridas entre homens e mulheres. Nessa nova fase Carmen se preocupou em combater a idéia de que os homens, por assim serem possuíam direito superior a mulher no que diz respeito a liberdade. Em junho de 1973 no artigo *Ele quer ser livre. Você deixa?* Carmen questiona a liberdade masculina. Não colocando a mulher como vítima, mas também depositando a ela a responsabilidade por certas vezes exigir demais de seus companheiros.

³ **Betty Naomi Goldstein**, mais conhecida como **Betty Friedan**, (Peoria, 4 de fevereiro de 1921 — Washington, 4 de fevereiro de 2006) foi uma importante ativista feminista estado-unidense do século 20.

⁴ "*The Feminine Mystique*" ("A Mística Feminina"), publicado em 1963, por Betty Friedan, um Best-seller que fomentou a segunda onda do feminismo, abordando o papel da mulher na indústria e na função de dona-de-casa e suas implicações tanto para a sobrevivência do capitalismo quanto para a situação de desespero e depressão que grande parte das mulheres submetidas a esse regime sofriam.

⁵ Em inglês, **National Organization of Women** ou **NOW**, a **Organização Nacional das Mulheres** é uma organização feminista estado-unidense fundada por, entre outras feministas, Pauli Murray e Betty Friedan em 1966, com o objetivo de melhorar as condições das mulheres na sociedade através da ação política

Algumas mulheres, assim que começam um romance, pensam que o namorado tem obrigação de largar tudo e só pensar nelas. Isso é uma ilusão : ninguém está ansioso por assumir compromissos e aumentar responsabilidades à toa. Uma pessoa normal só aceita esse ônus quando sabe que vai ter compensações. Existem casos, porém, em que o homem é injusto e egoísta ao pedir mais liberdade. (SILVA, Carmen da, Revista Claudia junho de 1973,p. 93)

Carmen reforça a idéia de que a mulher não deve apoiar-se em outras pessoas, no caso o companheiro. Ressaltando a idéia de que o homem precisa ter uma certa liberdade, ela critica quando essa é exercida fora dos limites previstos para um relacionamento sério. Neste artigo Carmen repreende a posição da mulher de esperar que o homem assuma todo tipo de responsabilidades, mesmo quando estas não convêm a eles. A jornalista admite que haja um sistema de compensações em um relacionamento, mas não concorda com pretextos masculinos de liberdade excessiva.

Nessa nova fase Carmen se preocupou em combater a idéia de que a função da mulher na sociedade se resumiria a cuidar do lar e dos filhos. Os meios de comunicação divulgavam que o “movimento de libertação feminina” queria inverter os papéis entre homens e mulheres. Carmen porém afirmou o contrário. Vamos quebrar uma velha imagem, um dos artigos que mais enfatizam a crítica de Carmen aos estereótipos pré-concebidos com relação as mulheres foi publicado em 1971:

O que as mulheres querem é existir também como indivíduos, além de sua condição sexual, ser reconhecidas como pessoas completas de si mesmas, sujeitos de seu próprio destino, que também podem (e desejam) ser objetos de sexualidade e amor. Trata-se de abolir a falácia de que o mundo se resume numa consciência masculina, de que Eu significa Homem e o “resto”-isto é, as mulheres - é algo que está aí como complemento. Pretende-se uma humanidade em que cada um reconheça ao outro o direito de chamar-se Eu, de existir por conta própria.(Revista Claudia,outubro 1971 apud FONTELES,p.142)

Nessas condições Carmen queria que a mulher fosse notada como ser dotado de inteligência. Diferente do que os homens pensavam não era somente função da mulher cuidar da casa e dos filhos,mas pensar,existir,antes de tudo. Além de usar estereótipos para desqualificar o movimento feminista, a mídia apelava ao cultivo da imagem da mulher como objeto sexual.

Esse padrão, segundo a escritora, provocaria angústia nas mulheres pois reforçaria sua condição de submissão aos homens. Em abril de 1972, no artigo intitulado

“Igualdade, justiça e participação”, Carmen convocaria as leitoras para participarem do Congresso Nacional, iniciativa do Conselho Nacional de Mulheres ⁶. Com o lema “Igualdade sem privilégios, justiça sem paternalismo, participação sem luta de sexos, o evento pretenda discutir os problemas da mulher brasileira e os caminhos para solucioná-los. Os temas agendados para as mesas redondas e palestras no Brasil, mostravam as várias frentes de discussão, em torno das quais começava a se pensar uma questão da mulher no Brasil da década de 70: a noção de homem e mulher na sociedade patriarcal, a mulher operária e a cultura de massas, o comportamento político da mulher brasileira, injustiças na legislação trabalhista, a fecundidade e a escolha dos filhos. (FONTELES 2005 Pag.145).

Em 1974 Carmen acentuou sua luta movimento feminista. O movimento ainda discriminado no Brasil, representando incompreensão e rejeição pelas brasileiras. Carmen escreveu sobre o assunto no *artigo Afinal, o que é o movimento feminista?*. Esse texto é extremamente importante no conjunto da obra de Carmen, pois segundo Fonteles (2005), é onde pela primeira vez, percebe-se a substituição da expressão “movimento de mulheres” por “movimento feminista”. O que representa o engajamento político de Carmen na causa feminista. A partir desse momento a jornalista ficou mais a vontade para defender suas posições, com menos receio de perder as leitoras :

(...) Parece estranha essa atitude: nossas mulheres procuram sabotar um movimento mundial que visa precisamente a liberá-las das discriminações que sofrem e das formas tradicionais de servidão a que estão submetidas. Alegar que não existe tal discriminação e servidão é fechar completamente os olhos à realidade.” (FONTELES 2005.p.151)

A servidão, segundo Carmen, seriam os tabus sexuais, aos quais a maioria das mulheres ainda estavam submetidas. De acordo com Fonteles (2005), as leis discriminavam as mulheres, muitas delas eram impedidas de trabalhar pelos maridos. Carmen pretendia alertar elas a sua condição de escravidão, por isso deveriam apoiar e não repudiar o movimento feminista, que tinha por objetivo, mudar essa situação. Seria o principal objetivo do feminismo. Entre as bandeiras feministas citadas por Carmen, estavam a conquista de condições equitativas no mercado de trabalho para as mulheres,

⁶ O **Conselho Nacional de Mulheres do Brasil (CNMB)** é uma organização cultural, não governamental, fundado em 1947 por D.Jerônima Mesquita, no Rio de Janeiro, tendo por finalidade trabalhar em defesa da condição da mulher. Após a conquista do direito ao voto, em luta empreendida por grupo de ilustres mulheres lideradas por D.Jerônima Mesquita e Bertha Lutz, outras campanhas foram desenvolvidas pelo movimento feminista que apenas engatinhava.

a divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres, a reivindicação de infraestrutura de creches e escolas e coletivização dos serviços domésticos, a preços acessíveis.

Segundo Meira 2008, na busca por essa igualdade, as mulheres conseguiram avanços significativos, dentre eles o direito ao voto, permitido em 1927. Outra conquista importante da luta feminista foi o acesso a pílula anticoncepcional, propiciando o ingresso da mulher ao mercado de trabalho. Paralelo a esse acontecimento, no fim do século XIX, as mulheres começaram a ocupar os bancos das universidades.

Considerações finais

Carmen da Silva, através de seus artigos na revista *Claudia* revolucionou o feminismo no Brasil. Com seus conhecimentos de psicanálise e experiências vividas por ela própria conseguiu mudar o pensamento de muitas mulheres nas décadas em que foi articulista na coluna “*Arte de Ser Mulher*”(décadas de 60 a 80). Com o pensamento diferente de sua época desde cedo, a escritora notava as diferenças que colocavam a mulher à margem da sociedade e o homem sempre como dominante em todos os aspectos. “*Arte de Ser Mulher*” representava para Carmen a oportunidade de conscientizar as mulheres da classe média de sua época a procurar independência.

E assim o fez, sempre com muito cuidado para não assustar as mulheres procurando conscientizá-las. Carmen desenvolveu um trabalho de crítica comportamental, através de discurso marcado pela psicanálise e contribuiu para formação do feminismo social no Brasil. Movimento esse, social e ideológico que tinha como parâmetro a luta por direitos iguais entre homens e mulheres, o feminismo já existia no Brasil, mas de maneira tímida, temendo as tradições impostas. Utilizado por Carmen, *Claudia* configurava-se como o veículo bastante característico do ideal de modernização conservadora que permitia pequenos avanços para as mulheres. Foi com a preocupação em modernizar-se, que *Claudia* resolveu criar um espaço diferenciado, dentro de suas páginas.

Diante de discursos que reafirmavam os papéis tradicionais da mulher, Carmen representava o moderno. Com um texto de fácil compreensão seu trabalho representou a negação da forma tradicional de se tratar os problemas e angústias femininas. O trabalho dividido em fases, por Carmen, não visava apenas a organização didática, mas demonstrou a consciência de Carmen das mudanças presentes. Durante os 22 anos que esteve em *Claudia*, Carmen utilizou de estratégias para não se afastar de suas leitoras e também para preservar seu espaço dentro da revista. Evitou abordagens consideradas “avançadas” e evitou temas que ela considerava machistas.

Carmen foi uma das personagens mais importantes do jornalismo brasileiro. Ela contribuiu para uma mudança gradual nos costumes de muitas mulheres e famílias brasileiras, e fez com que essas mulheres se conhecessem e entendessem seu papel diante da sociedade. É notável pra quem conheceu a vida e obra de Carmen o vazio entre o trabalho dela e a imprensa feminina atual. Esses espaços mais aprofundados

sobre a questão da mulher praticamente desapareceram. Se vê matérias sobre posições sexuais, “boa forma”.São camuflados problemas sexuais sérios,a questão da mulher insatisfeita com o próprio corpo,essas questões não são mais discutidas nas revistas.

Referências:

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz. **Retratos de mulher: análise da representação do corpo feminino nas capas das revistas mensais brasileiras playboy e nova no ano de 2005**. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências da Linguagem da Unisul. Florianópolis: UNISUL. 2007

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, 2009.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Carmen da Silva: O Feminismo na Imprensa Brasileira**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Atlas, 2006.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica**. Alínea, 2001.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MORAIS, Anielle. **Revista Claudia e o Conceito de Independência Feminina**. Trabalho apresentado aos Eventos Especiais - Intercom Júnior do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2003.

SANTOS, Gisele do Rocio Cordeiro Mugnol. **Orientações práticas para trabalhos acadêmicos**. Curitiba: Ibpx, 2007.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2008.

VERÓN, Eliseo. (trad. Vanise Dresch). **Fragmentos de um Tecido**. São Leopoldo . RS: Editora Unisinos, 2004.

Biografias, romances e coletâneas:

SILVA, Carmen da. **Historias Híbridas de uma Senhora de Respeito**. 1 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

SILVA, Carmen da. **A Arte de Ser Mulher: Um guia moderno para seu comportamento**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

Revistas:

Claudia, Ano XII, n° 141, São Paulo, junho de 1973.

Anexos:

Revista Claudia (junho de 1973)



ELE QUER SER LIVRE. VOCÊ DEIXA?

A ARTE
DE SER MULHER
UM ARTIGO DE
CARMEN DA SILVA

Algumas mulheres, assim que começam um romance, pensam que o namorado tem obrigação de largar tudo e só pensar nelas. Isso é uma ilusão: ninguém está ansioso por assumir compromissos e aumentar suas responsabilidades à toa. Uma pessoa normal só aceita esses ônus quando sabe que vai ter compensações. Existem casos, porém, em que o homem é injusto e egoísta ao pedir mais liberdade. Como diferenciar um caso do outro?

Num desses programas tipo "hora da saudade", que reproduzem músicas do tempo do onça, escuto uma marchinha que diz: "Olha, escuta, meu bem... esse negócio de amor não convém: gosto de você, mas não é muuuuito..."

Fico pensando. Essa letra, gravada nos idos de 1929/30, tem algo que me soa familiar. Percorro o arquivo de correspondência das leitoras e aí encontro, sob formas bem pouco variadas, a versão atual dessa mesma conversa. Elas me descrevem certas atitudes e desculpas esgrimidas por seus namorados: "De saída, ele foi avisando que não abriria mão de sua liberdade... Desde o princípio disse que não queria saber de nenhum compromisso... Gosta de mim mas prefere afastar-se para não estragar o amor; não suporta as relações que se transformam em rotina ou obrigação... Não marca encontros com antecedência por achar que o namoro deve ser uma coisa espontânea... Diz que precisa ser livre e eu nunca sei quando ele vem, quando não vem... Sai muito comigo mas não quer definir a situação como namoro para não se sentir amarrado..." Em resumo, outras tantas fórmulas, não muito imaginativas, para afirmar através de pretextos pseudofilosóficos de quinta categoria que "esse negócio de amor não convém". Outros tantos modos, pretensamente sofisticados, de dizer: "Gosto de você, mas não é muuuuito..."

Antes de entrarmos a analisar esse tipo de comportamento masculino, vamos tratar de esclarecer alguns pontos relativos às ilusões femininas.

QUANDO AS MULHERES QUEREM DEMAIS

Evidente que nenhum rapaz normal, ao sentir-se mais ou menos atraído por uma jovem, começa logo a esfregar as mãos de satisfação, pensando: "Oba, oba! Tomara que eu me apaixone em seguida por ela e ela por mim! Estou morrendo de vontade de casar-me, sustentar uma família, encher-me de responsabilidades morais — orientar a mulher na vida, protegê-la, dirigir os filhos e dar-lhes bom exemplo — e materiais: vivenda, alimento, roupas, educação, etc., acumulando dois empregos, se for necessário, para enfrentar as despesas... ter

hora marcada para voltar para casa todos os dias... ter de procurar pretextos se, alguma noite, eu quiser me demorar um pouquinho tomando chope e batendo papo com algum amigo... prestar contas de meu tempo e de meus atos... perder o direito de olhar, mesmo desinteressadamente, para qualquer mulher bonita que não seja a minha... não poder mais pegar um livro para ler à noite, por causa do barulho das crianças... hospedar a sogra em casa, talvez por vários meses, e ficar feliz da vida... abandonar meus sonhos, desejos e ambições para atender às exigências imediatas do cotidiano, viver pendente das contas a pagar e das dificuldades com a empregada..."

Dito desse modo, parece

piada. Entretanto, esse é o papel que muitíssimas jovens (e não tão jovens), no fundo de suas cozinhas, atribuem ao homem, é isso o que esperam dele. Se um rapaz se mostra interessado nelas, pretendem que, logo de início, ele esteja ansioso por arcar com responsabilidades e assumir encargos, dando-lhes tudo isso e, de quebra, também muito sexo e romance...

O SISTEMA DE COMPENSAÇÕES

Seria bom que descartassem logo essas ilusões. Ninguém está louquinho de desejo de assumir compromissos e multiplicar suas responsabilidades por simples cortiça. Ninguém se impõe limitações, restrições e obrigações para com terceiros só pelo "gosto" (?) de sobrecarregar-se e ter vida apertada. Uma pessoa aceita esses ônus quando tem em vista obter em troca certos benefícios que considera compensadores; priva-se de determinada gratificação porque ela é incompatível com outra, que lhe parece mais desejável. Assim, o solteiro abre mão de sua vidinha gostosa e des preocupada porque espera encontrar satisfações maiores na vida de casado. O jovem casal, livre e dono de si, renuncia a essa disponibilidade em favor da alegria de ter e criar filhos.

A necessidade de compensações existe em todos os níveis e etapas da vida. Está na base do processo educativo: a criança só abandona as satisfações infantis (a irresponsabilidade, a livre expansão de seus instintos) na esperança de receber de



FOTOS DE ROGER BERTIER

segue